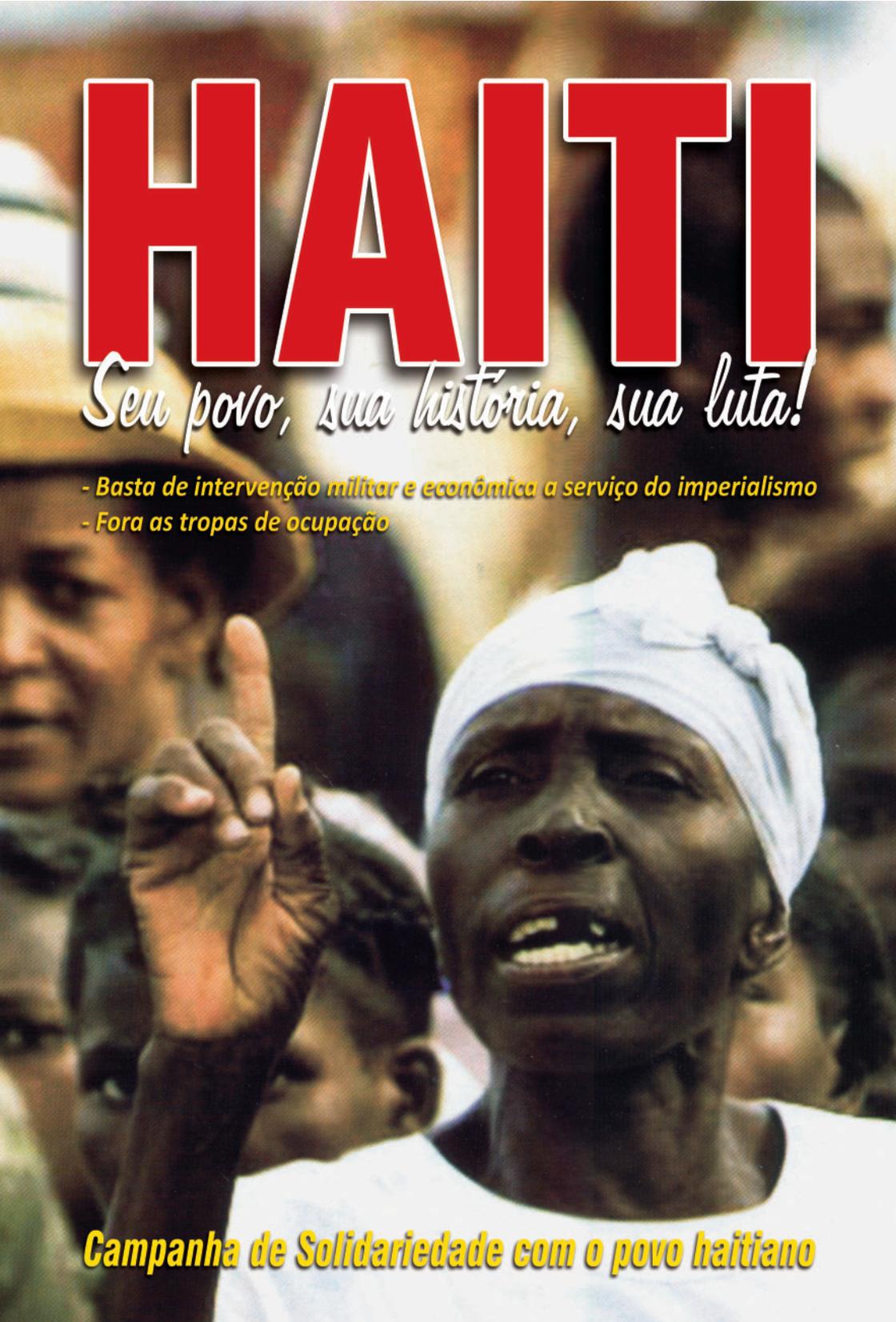


HAITI



Seu povo, sua história, sua luta!

- Basta de intervenção militar e econômica a serviço do imperialismo
- Fora as tropas de ocupação

Campanha de Solidariedade com o povo haitiano

APRESENTAÇÃO

O Haiti é conhecido como um dos países mais pobres do mundo. O que poucos conhecem é sua história de lutas e vitórias. Conhecer um pouco mais deste país é conhecer um povo que continua sua busca por liberdade e soberania e não abaixa a cabeça diante do imperialismo.

Os haitianos foram os primeiros escravos a conquistar a libertação e a independência de seu país no século 18 e, desde o século 20, enfrentam ditaduras e intervenções imperialistas com resistência exemplar.

Há cinco anos eles vêm travando uma batalha contra a ocupação de seu país pelas tropas da Minustah (Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti). Sob o discurso de que estão lá como “Força de Paz”, as tropas internacionais da ONU (Organizações das Nações Unidas), comandadas pelo governo Lula, são um braço do domínio imperialista na América Latina.

O discurso oficial é da necessidade da presença militar no Haiti, sem a qual o país se tornaria um caos. Entretanto, nesses cinco anos de ocupação a situação haitiana piorou. O salário mínimo diário é o mais baixo da América Latina. Está por volta de 1,7 dólar, provocando uma miséria impressionante. Além disso, as tropas impõem violenta repressão às lutas, sejam por aumento salarial, contra a fome ou por congelamento dos preços dos alimentos.

Com o argumento de que estão no país para garantir a paz, as tropas mantêm sob opressão o povo haitiano, ajudando a impor a superexploração de grandes empresas têxteis multinacionais naquele país.

Desde 2005 delegações brasileiras e de outros países visitam o Haiti para conhecer aquela realidade e delegações haitianas vêm ao Brasil para divulgar em nosso país as atrocidades cometidas pelas tropas e o seu real objetivo com a ocupação. Esse intercâmbio vem sendo promovido por entidades como a Conlutas e o Jubileu Sul, além de outras. O objetivo é divulgar para o maior número de pessoas o que acontece no Haiti fazendo um contraponto ao discurso governamental.

Essa cartilha é parte dessa campanha internacional, com a realização de debates, manifestações, moções e intercâmbio de solidariedade. Por isso, solicitamos que você folheie as próximas páginas para conhecer um pouco mais a luta do povo haitiano e faça parte da campanha que exige: “Fora as tropas brasileiras e internacionais do Haiti”.



HISTÓRIA

O Haiti localiza-se na América Central e sua capital é Porto Príncipe. Tem como moeda local o Gourd. De maioria católica, a população tem presente em suas raízes a etnia africana, com forte influência da prática do vodu. Sua história é a história de lutas de seu povo contra a opressão, pela soberania e pela liberdade.

Os haitianos constituem o povo negro que conseguiu realizar a primeira e única revolução de escravos vitoriosa da história do mundo. Eles derrotaram os exércitos das principais potências coloniais da época, como Inglaterra, Espanha e França.

Ainda no século 16, a ilha chegou a ser a principal colônia mundial em produção de açúcar, mercadoria mais cobiçada da época. A renda alimentava a burguesia mercantil francesa. Para isso, 500 mil africanos foram escravizados sob métodos brutais. Depois de chegar à ilha, a expectativa de vida era de três anos em média.

Lutas marcam a linha do tempo

1492 – Cristóvão Colombo chega na ilha e hasteia a bandeira da Espanha na parte ocidental, chamando-a de Hispaniola, conhecida hoje como o Haiti. Antes disso era chamada de Ayiti (terras altas) pelos indígenas, que foram

praticamente dizimados pelos colonizadores.

1697 - Em meados desse ano, o tráfico de negros começou a se tornar rentável. Vindos da África, cuidavam da terra e movimentavam a economia do País, por meio do plantio de açúcar, cacau e café.

1789 - A revolução dos escravos acompanhou passo a passo os momentos da Revolução Francesa. Naquele ano as massas francesas tomaram a Bastilha, abalando profundamente a monarquia, e a crise se instalou entre as classes dominantes de Santo Domingo.

1791- Em maioria na ilha e cansados de serem humilhados e explorados, os negros se uniram para fazer uma das maiores revoltas de escravos ocorridas no mundo. Na França, no período de 1792 e 1794, a revolução atingia seu auge, com a tomada do poder pelos jacobinos (ala esquerda da burguesia, dirigida por Robespierre), que, dentre outras coisas, decretaram o fim da escravidão. Esse fato estimulou ainda mais os haitianos que, dirigidos pelo articulador do exército negro, Toussaint Louverture, impuseram seguidas derrotas às tropas coloniais. Os espanhóis forneceram armas contra a dominação francesa.

1794 – Conquistam a abolição da escravatura e Louverture assume a bandeira francesa, se tornando o primeiro comandante negro das Forças Armadas, em Santo Domingo (hoje capital da República Dominicana) que, contudo, continuava sendo uma colônia francesa. Nos sete anos seguintes, continua expulsando espanhóis e ingleses da ilha.

O termo 'haitianismo' surgiu e tornou-se sinônimo de liberdade. A repercussão foi tamanha que alimentou a preocupação de escravocratas da Europa, Brasil e Cuba. Motivados pelo racismo e alimentados por interesses políticos, temiam que seus escravos seguissem o exemplo do Haiti.

1801 - Louverture se transforma de fato, no único governo local, decretando uma nova constituição, em 1801. Mesmo sem estabelecer a independência, não mantinha nenhum poder real francês acima dele.

Nos anos seguintes, a França comandada por Napoleão Bonaparte, que pretende decretar a volta da escravidão e a retomada da ilha, impõe derrotas



Toussaint



Dessalines

iniciais ao líder negro, mas este reorganiza seu exército e, em batalhas memoráveis, leva os franceses a pesadas perdas.

Ao querer mostrar “boas intenções” a Napoleão, Louverture, acabou sendo preso e levado à França, onde morreu de frio nas masmorras de uma prisão nos Alpes.

1804 - Uma nova rebelião negra pelos generais Jacques Dessalines e Alexandre Pétion expulsou os franceses e proclamou a independência. Surgiu então o Haiti. Era a primeira revolução negra da história, a primeira revolução anticolonial na América Latina.

1806 - Jacques Dessalines proclamou-se imperador, porém foi assassinado e a parte oriental da ilha (hoje, República Dominicana) foi retomada pela Espanha.

A revolução negra tornou o Haiti um país independente. Uma ameaça para as colônias, que tentaram isolá-lo economicamente. Crises internas também enfraqueceram o novo Estado. Uma nova classe dominante foi constituída pela cúpula do exército, com os generais tomando para si grandes propriedades rurais. O Haiti se dividiu em duas partes, com Henri Cristophe, no norte, e Alexandre Pétion, no sul.

1825 - Para romper o bloqueio econômico, o Haiti concordou em pagar 150 milhões de francos a França pelas “perdas” decorrentes da independência. Essa dívida externa acabou trazendo uma dependência econômica.

1844 - A ilha é definitivamente dividida. A República Dominicana separa-se do Haiti.

1915 - Os EUA invadiram a ilha e ocuparam o país por cerca de vinte anos. Como demonstração de seus “modernos” métodos, o novo imperialismo assassinou, após um acordo de paz, Charlemagne Peralte, o principal líder da resistência à invasão. E ainda roubou todo o ouro do Banco Central. Na segunda metade do Século 19 ao começo do Século 20, pelo menos 20 governantes assumiram o poder, porém a maioria foi deposta ou assassinada.

Na era dos Docs instaura-se o terror

O período de 1957 a 1986 ficou conhecido como Duvalierismo, cuja história é marcada pelas sangrentas ditaduras de Papa Doc e Baby Doc; pela famosa guarda pessoal de Papa, os tontons macoutes (bichos – papões) que disse-

minavam medo e terror, e conseguiram impor uma derrota ao povo haitiano com métodos de guerra civil. Em 1964 foi promulgada a Constituição que deu mandato vitalício a Duvalier.

Em 1971, seu filho Baby Doc assumiu a presidência. Sem o mesmo carisma que o pai, desde 1980 enfrentou manifestações populares que, em 1986, culminaram com as mobilizações que tomaram as ruas de diversas cidades haitianas e provocaram sua fuga para a França.

Vitória da frente popular

Outros governos militares seguiram no poder após a queda de Baby Doc, até que, em dezembro de 1990, eleições foram convocadas. O candidato preferido pela burguesia e pelo imperialismo, Marc Bazin, conseguiu apenas 14% dos votos e o ex-padre Jean-Bertrand Aristide, da Teologia da Libertação, foi eleito com 67% dos votos. Ele iria governar a partir da colaboração de classe, fazendo um governo de frente popular.

Sete meses depois foi deposto por um golpe militar de direita, dirigido pelo general Raoul Cedras, que matou cinco mil pessoas. Diante de crises e crescente resistência popular, Aristide conseguiu fazer um acordo com o governo norte-americano da época, Bill Clinton, que invadiu o país em 1994 e depôs a ditadura.

O acordo não foi de graça. A imposição foi de que fosse aplicado o projeto neoliberal no país. Por isso, os EUA apoiaram esse processo. Na eleição presidencial, o candidato de Aristide, René Préval, foi eleito com 87% dos votos. Em 2000, em nova eleição, ele foi sucedido novamente por Aristide, com 92% dos votos, na primeira sucessão civil da história haitiana.

Os dois cumpriram seu acordo com Bill Clinton e impuseram a privatização das estatais e a eliminação das tarifas de importação. Um projeto criou 18 zonas francas no Haiti. Na segunda gestão de Aristide a centralização política em suas mãos provocou uma crise na burguesia local que rompeu com o governo.

A política neoliberal também gerou insatisfação no povo haitiano que começou a protagonizar mobilizações contra Aristide. Com sua popularidade caindo, os EUA decidiram financiar os paramilitares da ultra-direita, liderados por Jean Tatoune e Guy Philippe, e depois ocuparam o país para “enfrentar as gangues armadas”.



A OCUPAÇÃO ATUAL

Em 2004, o Conselho de Segurança da ONU aprovou mais uma invasão do Haiti. Desta vez para derrubar o próprio Aristide. Quem assumiu foi o novo primeiro-ministro, Gerhard Latortoue, representante dos militares da ultra-direita.

A tropas da ONU permanecem no país. Com o desgaste do governo norte-americano, a ocupação passou a ser comandada por países latino-americanos. O governo Lula aceitou a liderança, a pedido do então presidente dos EUA, George Bush. As tropas são compostas principalmente por Brasil, Argentina, Bolívia e Chile. É a Força Militar da Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (Minustah).

Somente depois de dois anos novas eleições foram convocadas, debaixo de uma imensa fraude para prejudicar o candidato de Aristide, René Préval. Milhares de pessoas saíram novamente às ruas, desta vez contra a fraude. Para evitar uma nova rebelião, o governo recuou e aceitou a vitória do ex-presidente. O povo festejou com grandes manifestações.

Préval cumpre o papel de um governo fantoche a serviço da ocupação militar. Aceita o papel de um presidente que não manda em nada, em um país ocupado por tropas estrangeiras e dirigido pela embaixada brasileira, a serviço de Washington.

Em 2006, o Congresso dos EUA aprovou a lei Hope, que abriu o mercado dos EUA para empresas têxteis estabelecidas no Haiti. Em contrapartida, o presidente Préval, depois de chegar dos EUA, anunciou a privatização da telefônica, dos portos, do aeroporto e da saúde.

O VERDADEIRO SIGNIFICADO DA OCUPAÇÃO MILITAR

Vista mais de perto, com olhares desprovidos de ilusão e ouvidos livres do contágio pelo discurso governamental e da mídia de que as tropas estão ali para ajudar o povo haitiano, a ocupação mostra uma face cruel. Não é uma ajuda humanitária, e muito menos uma missão de paz, para garantir a segurança da população contra os grupos armados! As tropas procuram garantir a segurança das empresas multinacionais que estão se instalando no país.

Dos recursos destinados a essa ação, 85% vão para os militares e polícia civil. Armados até o pescoço estão enquadrados no sétimo artigo da carta em que a ONU autoriza este armamento.

Nenhum povo gostaria de ter em sua paisagem cotidiana tropas estrangeiras com armas de fogo apontadas em sua direção. O povo haitiano também não!

As tropas, na realidade, estão garantindo a implantação do projeto neoliberal no Haiti debaixo de armas. Dezoito zonas francas estão sendo instaladas para empresas multinacionais, principalmente norte-americanas, para superexplorar o povo. As condições de trabalho são deploráveis e os salários, miseráveis. Os trabalhadores chegam a ganhar menos de 50 dólares por mês. Os direitos trabalhistas não são respeitados, muito menos as rescisões após processos de demissão. Os haitianos empregados nessas fábricas trabalham doze horas seguidas, em muitas delas, sem direito a intervalo. São os “escravos modernos”, como muitos dizem.

As tropas brasileiras estão no país para ajudar as multinacionais a explorar brutalmente essa mão-de-obra barata. O objetivo não é resolver a pobreza, mas produzir para o mercado norte-americano a custos mínimos, como fazem na China ou em Bangladesh.

Ao explorar e escravizar o povo, as elites controlam a população e a economia.

Lula e o etanol

Em maio de 2006, o presidente Lula estabeleceu um acordo com o governo haitiano de cooperação técnica para a produção de etanol. O real interesse? As terras férteis e a mão-de-obra barata do Haiti. Por trás desse acordo estava o governo Bush preocupado em suprir as necessidades do mercado norte-americano, mas sem nenhuma preocupação com a produção de alimentos para suprir a fome do povo haitiano.

É necessário intensificar a campanha de solidariedade com as lutas do povo haitiano



Campanha internacional defende retirada das tropas do Haiti

Entidades brasileiras e de outros países, como a Conlutas e o Jubileu Sul, além de outras organizações, desenvolveram desde 2005 uma campanha internacional de denúncia das atrocidades cometidas pelas tropas e pela retirada das mesmas do Haiti. Essa campanha já organizou diversas missões de visitas ao Haiti e vindas de delegações haitianas ao Brasil. Em cada uma dessas viagens foram promovidas atividades que desmascarassem a campanha feita pelo governo brasileiro. As tropas não estão cumprindo ajuda humanitária. As tropas estão reprimindo as lutas daquele povo, assassinando haitianos, estuprando mulheres.

Essa campanha pretende mostrar ao público que não há nenhum sucesso internacional no Haiti ao não ser a garantia a força de implantação de um projeto neoliberal imperialista.

Por isso, enquanto a ocupação se mantiver, a campanha por fora as tropas do Haiti também vai continuar. E seremos porta-vozes da luta do povo haitiano denunciando o crime que está sendo cometido pelo Governo Lula, a serviço do imperialismo.

Fórum Social Mundial, 2009



Delegação haitiana participa do Fórum Social Mundial de 2009, em Belém (PA)



Principais atividades das delegações haitianas no Brasil



Em 2008, Didier Domenique participa da 1º Congresso Nacional da Conlutas e do ELAC

Encontro Nacional de Lutas promovido pela Conlutas, Intersindical e MST, no Parque Ibirapuera, em 2007



Em 2009, delegação haitiana participa de inúmeras atividades em todo o Brasil



Carole Pierre Paul-Jacobe, da Sofa



Didier Domenique, da Batay Ouvriye



Frantz Dupuche, da Papda

Delegações organizadas pelo Jubileu Sul



Em 2005, o Jubileu Sul leva Adolfo Perez Esquivel e Nora Cortiñas ao Haiti



Em 2006, delegação do Jubileu participa de manifestações naquele país



Delegações organizadas pela Conlutas



Em 2007, representantes de diversas entidades vão conhecer a luta do povo haitiano.



Encontro da Delegação da Conlutas com militantes do MST do 1º de Maio de 2009



Delegação brasileira participa do 1º de Maio de 2009 em Porto Príncipe.

O BRASIL E AS TROPAS

O envio de soldados pelo governo Lula com armamento pesado ao Haiti no mínimo, soou estranho. Mas, afinal, liderar o pólo dos países latinos seria ótimo para a imagem do Brasil. Um conveniente posto no Conselho de Segurança das Nações Unidas também cairia muito bem. Mandar ajuda nunca foi tão pertinente. Ainda mais quando é possível buscar a simpatia inicial de parte da população enviando a seleção brasileira de futebol para distrair o povo. O fato é que Lula utiliza-se de suas metáforas e do populismo, além do carisma dos brasileiros, para esconder o que realmente representa esta ocupação.

O Brasil do futebol e da simpatia seria perfeito para fazer o trabalho sujo! Os haitianos gostam dos brasileiros e não das tropas! A Minustah abre caminho para que seus tanques consigam circular livremente pelas ruas e empurram para debaixo do tapete a sujeira da repressão e violência sofrida pelos haitianos.

Ao povo brasileiro é vendida a idéia de que o governo Lula se preocupa com a pobreza dos haitianos e que as tropas cumprem ações humanitárias. Essa é uma operação de propaganda tão falsa quanto a usada pelo governo Bush para invadir o Iraque – a existência de armas de destruição em massa por Saddam Hussein. Como se comprovou, Bush queria roubar o petróleo iraquiano.

Para as grandes multinacionais e o agronegócio brasileiro, a pobreza haitiana é lucrativa, pois a exploração é sobre uma mão-de-obra semi-escrava. Infelizmente, a ocupação militar e o plano econômico reduzem o Haiti novamente a uma colônia.

E no Brasil, em algum momento houve um plebiscito ou algo do tipo para nos perguntar o que achávamos de mandar tropas encabeçadas pelo Brasil ao Haiti? Não temos controle sobre o que ocorre verdadeiramente naquele país. Ao invés de tropas armadas, o Haiti precisa de um povo munido de alimento, medicamento e educação.

Lula comete no Haiti um de seus maiores crimes. O Brasil revela o papel de sub-metrópole que cumpre no continente, de um país explorado que ajuda a explorar outros em situação ainda pior. Tudo a serviço do imperialismo yanque.



MISSÃO DE PAZ NÃO COMBINA TROPAS DE OCUPAÇÃO!

Dados Estatísticos:

- 8,1 milhões de habitantes;
- 80% vivem abaixo da linha de pobreza;
- quase 75% das casas não têm água encanada ou esgoto;
- menos de 40% da população tem acesso à água potável;
- não há coleta de lixo;
- 80% da população está desempregada;
- a renda per capita anual do Haiti representa 15% da média latino-americana;
- o analfabetismo atinge 45% da população;
- a expectativa de vida caiu de 52,6 anos em 2002 para 49,1 anos em 2003;
- só 24% dos partos são atendidos por pessoal qualificado;
- o País ocupa o posto 153° na classificação do Índice de Desenvolvimento humano PNUD (2004).

Fonte: Missão Internacional de Investigação e Solidariedade ao Haiti





DENÚNCIAS

Assédio sexual contra mulheres

Segundo organizações em defesa dos Direitos Humanos das Mulheres, no Haiti, as mulheres são vítimas de violência por parte das tropas sem haver qualquer tipo de punição.

Em novembro de 2007, 108 soldados do Sri Lanka, pertencentes à força da ONU no Haiti foram mandados de volta a seu país por abuso sexual, inclusive de menores. A retirada do país foi a única punição já que por serem estrangeiros e soldados de força de paz, as leis do país não podem ser aplicadas sobre eles. Além desse fato, ONG's também já denunciaram outros casos de estupros sem punição por parte de soldados das tropas.

Crianças sem infância

Crianças pegam em armas, crescem nas ruas e mais da metade não estuda; vivem abaixo da linha da pobreza, morrem por desnutrição antes de atingir a maioridade. As saudáveis têm seus órgãos vendidos através de rede de orfanatos; muitas se prostituem; ao que tudo indica muitas também sofrem estu-

pros por parte dos soldados da ONU. Esta é a realidade da infância escondida. O futuro do Haiti interrompido pela miséria e exploração.

Trabalho escravo

As zonas francas ou ‘maquiladoras’ são empresas instaladas no país sem o pagamento de impostos. Haitianos trabalham para ganhar menos de dois dólares diários, uma das forças de trabalho mais baratas do mundo. Novamente se vêem escravizados, agora dentro das fábricas. Praticamente não há mais estatais no país. As privatizações estão deixando a nação nas mãos dos estrangeiros.

Da exportação à fome

O governo neoliberal fez com que de exportador de alimentos, como a cana-de-açúcar, arroz e frutas, o Haiti se tornasse importador destes alimentos, um reflexo da política de exploração dos recursos naturais. A agricultura, fonte de trabalho de muitos, foi minada por embargos econômicos feitos pelos EUA, afetando diretamente milhares de famílias.

Repressão

Nas ruas qualquer manifestação é fortemente reprimida pela Minustah. Foi assim nas manifestações de rua no primeiro semestre de 2008, com o agravamento da fome em consequência da chamada “crise alimentar”, quando o povo exigia comida devido à falta de abastecimento dos gêneros de primeira necessidade; ou ainda nas manifestações de maio de 2009 quando lutavam para que

fosse implementado o salário mínimo de cinco dólares diários aprovado no Congresso.

Um dos maiores bairros populares da capital haitiana, o Cité Soleil, viveu cruéis atos de violência em agosto de 2009 com utilização de armas



de fogo, casas invadidas pelos soldados e o ataque deliberado à população.

No mesmo período, membros da Minustah também foram acusados de assassinar um jovem de 26 anos, na cidade fronteiriça de Lascahobas, durante uma manifestação pelo restabelecimento dos serviços elétricos.

Mas cenas de repressão, com prisões e mortes, acontecem todos os dias.



O banquete da fome: bolachas de terra

Uma mistura de manteiga, açúcar, água e terra (sim, terra), conhecida como bolacha de terra, tem sido o alimento principal da população pobre do Haiti.

Na luta pela sobrevivência é disso que se alimentam. Para os famintos do Haiti um simples prato de comida é algo grandioso, mas não chama tanta atenção do mundo, que prefere enviar tropas de ocupação para seu país. É a imagem distorcida do que realmente é importante. Enquanto os imperialistas dizem promover a paz, o banquete da fome continua.

SOLIDARIEDADE AO POVO HAITIANO: FORA TROPAS

O intercâmbio

Acreditamos na soberania do povo haitiano que lutou e mostrou sua trajetória de conquistas. Repudiamos qualquer tentativa de exploração vinda dos imperialistas. Apoiamos a retirada das tropas lideradas pelo Brasil no Haiti.

Essa política também é defendida por várias entidades que, junto com a **Conlutas e o Jubileu Sul**, vem travando uma campanha no Brasil pela saída das tropas. O intercâmbio de visitas ao Haiti e visita de haitianos ao Brasil é o que vem alimentando a continuidade da campanha.

Em 2005, quando o **Jubileu Sul** promoveu a primeira delegação de solidariedade ao Haiti, foi desencadeada uma campanha no Brasil. Desde então inúmeras visitas em ambos os países ocorreram. Nas visitas ao Haiti, como a de 2007, organizada pela **Conlutas**, diversas entidades locais promoveram debates e mostraram a realidade do país com as tropas de ocupação, o que posteriormente foi amplamente divulgado no Brasil.

As visitas das delegações haitianas serviram para que os representantes da luta naquele país divulgassem as atrocidades que vêm ocorrendo. Audiências públicas no Congresso Nacional brasileiro, visitas à OAB (Organização dos Advogados do Brasil), ministros e palestras e debates no movimento em todo o Brasil.

Em 2008, durante o Encontro de Trabalhadores Latino-Americano e Caribenho (Elac), promovido pela Conlutas e diversas entidades do continente, o tema do Haiti se tornou uma das campanhas internacionais prioritárias do movimento em diversos países.

Os próximos passos da campanha

Enquanto as tropas da ONU, comandadas pelo governo Lula, não saírem do Haiti, essa campanha vai continuar em diversos países. No Brasil, é uma das principais bandeiras de importantes entidades do movimento.

A única maneira de pressionarmos pela retirada é denunciando as atrocidades cometidas pelas tropas e os reais objetivos da ocupação, tanto do governo brasileiro, como do imperialismo norte-americano. Por isso, a realização de palestras, debates e atividades de solidariedade são fundamentais.

Assim, chamamos a todos que participem da campanha “Fora as tropas brasileiras do Haiti”. Só a nossa voz poderá se contrapor ao discurso enganoso do governo Lula de que a presença das tropas no Haiti tem o objetivo de ajudar àquele povo.

- ✓ **Fora as tropas da ONU do Haiti**
- ✓ **Pela autonomia do povo haitiano**
- ✓ **Solidariedade às lutas dos trabalhadores e do povo haitiano**
- ✓ **Fora o imperialismo da América Latina**



Bibliografia

Expressão Popular. *Haiti: Soberania e Dignidade. Missão Internacional de Investigação Solidariedade com o Haiti*. São Paulo, 2007.

Havard Law Student Advocates for Human Rights, Cambridge, Massachusetts & Centro de Justiça Global. *Mantendo a paz no Haiti? Uma avaliação da Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti usando seu mandato como parâmetro de sucesso*. Rio de Janeiro, Brasil, 2005.

Ilaese. *Haiti Rebelde: da Revolução dos Escravos à luta contra a ocupação das tropas da ONU*. São Paulo, 2009.

Nota da LIT-QI: *Fora a Minustah do Haiti!*

Artigos:

Alejandro Iturbe e Jeferson Choma. Didier Dominique: “As tropas no Haiti reprimem para defender o salário mais baixo das Américas”.

Eduardo Almeida. Crônica de uma revolução negra.

Eduardo Almeida. O que fazem as tropas brasileiras no Haiti.

José Weil. Fora imperialismo do Haiti!

Sites:

www.conlutas.org.br

www.elac.org.br

www.jubileusul.org.br

www.litci.org

www.pstu.org.br

www.wikipedia.org

Expediente

Esta cartilha é uma publicação da Conlutas (Coordenação Nacional de Lutas) e do Jubileu Sul – Brasil. Jornalista responsável: Claudia Costa – MTB: 35.255. Revisão de texto: Ana Cristina Silva e Eliana Maciel. Pesquisa: Bianca Pedrina. Fotos: Wladimir Aguiar, Pedro Palikura, imagens cedidas pelo Jubileu Sul, cedidas pelas delegações que estiveram no Haiti e de divulgação do governo federal. Projeto gráfico e diagramação: Diego Plenamente. Gráfica: Forma Certa. Tiragem: 20 mil exemplares.

Agradecemos a todos que colaboraram com a produção deste material.

Fora as tropas de ocupação do Haiti



Praça Padre Manoel da Nóbrega, 36 / 6º andar
Praça da Sé / São Paulo - Telefone: 11.31077984
e-mail: conlutas@conlutas.org.br - site: www.conlutas.org.br

Rede **Jubileu Sul
Brasil**

Rua Abolição, 227 - 2º andar - CEP: 01319-010
São Paulo/SP - Telefone: (11) 31121524
e-mail: jubileubrasil@terra.com.br - site: www.jubileubrasil.org.br